

O INTÉRPRETE
DE BORBOLETAS

O INTÉRPRETE DE BORBOLETAS

Romance

SÉRGIO ABRANCHES

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2022

EDITOR-EXECUTIVO

Rodrigo Lacerda

GERENTE EDITORIAL

Duda Costa

ASSISTENTES EDITORIAIS

Thaís Lima

Caíque Gomes

Nathalia Necchy (estagiária)

PREPARAÇÃO DE ORIGINAL

Diogo Henriques de Freitas

REVISÃO

Renato Carvalho

Carlos Maurício

DIAGRAMAÇÃO

Ricardo Pinto

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A14li Abranches, Sérgio
 O intérprete de borboletas / Sérgio Abranches. – 1. ed. – Rio de
 Janeiro : Record, 2022.

ISBN 978-65-5587-447-1

1. Romance brasileiro. I. Título.

21-74891

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Copyright © Sérgio Abranches, 2022

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou
transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia
autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000.

Impresso no Brasil

ISBN 978-65-5587-447-1

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

São Paulo, Morumbi

É um túnel escuro, que acaba no abismo da pura escuridão. Sente as pernas bambas. Vertigem. Cai, despenca. Olhos brilhantes, muitos, espreitam sua queda. Sabe que morrerá ao bater no fundo. É cada vez mais difícil respirar. O corpo treme, os dentes batem descontrolados. Depois do medo, uma tristeza densa, saudade infinita do que seria. Uma falta enorme dos que ama. Será assim a morte? Perda e perda? Perda de si e dos outros? Nunca saberá. O baque que interrompe a queda não dói. Afinal, a morte é indolor?

Maria acordou com o baque. O pesadelo a deixou ainda mais deprimida. A tristura do sonho não passou. Suava. Buscou o sono para esquecer, mas ele a pôs diante da morte. Não ousava voltar a dormir, se fechasse os olhos retornaria à queda para o nada, à estranha saudade do futuro perdido. Pior que a lembrança do que se foi é a nostalgia do que não se viveu, aflição de pura impotência correndo pela espinha, até os pés, como uma fila de formigas corredeiras.

Não posso ficar tão desesperada. É por isso que gente da minha idade se suicida. Eu não quero morrer. Também não quero

viver desse jeito. Não vou me envenenar de ódio. Tenho que reagir. Mas me dói ver a raiva das minhas melhores amigas! É injusto. Eu não fiz nada, não mudei, não ataquei. A gente se conhece desde que entrou na escola, tem mais de oito anos. Elas sempre souberam o que penso, de tudo. Conhecem minha história, a dos meus avós. E um dia, sem aviso, a melhor amiga de todas vira inimiga? Pensei que existisse um pacto entre nós. Que fôssemos fiéis. Que doença é essa, meu Deus, que pega mais do que piolho?

São Paulo, Vila Madalena

Maria sempre gostou do colégio. Saía todas as manhãs animada. Não mais. Passou a vê-lo como parte do pesadelo diário. Após a noite insone, desviou o caminho e evitou a escola. Andou sem rumo pela vizinhança até se decidir pela casa do pai. Chegou prostrada e melancólica. Não queria encontrar a mãe. Tinha certeza de que discutiriam e brigariam, inclusive por ter faltado às aulas. Enfiou-se no quarto, sempre pronto a recebê-la, e ficou no escuro, com medo de dormir e reviver o pesadelo. Dor de cabeça. Agonia. De novo um arrepio percorreu sua espinha. Eram emoções demais, misturadas demais. Não bastava a derrota, que parecia a mais dura e desoladora de sua vida. Sentia o desencanto do pai com tudo, e ainda tinha que enfrentar a crueldade de colegas, amigas transformadas em perseguidoras quando tudo

virou uma torcida extremada e raivosa. Via com desampontamento crescente a indiferença da mãe com suas angústias e como ela se identificava com quem agredia a própria filha. Não conseguia entender. Perdia-se. A vida mudou de repente. Tinha quase 15 anos e muita decepção. Andava deprimida, assaltada por pesadelos, e era como se a tivessem jogado no inferno. Dormindo ou acordada, estava sempre diante dele, para fazê-la expiar pecados que não cometeu.

Afonso sabia das aflições da filha e andava atento para as variações no seu humor. Quando ela saiu do quarto, foi logo dizendo que faltou ao colégio. Queria entender o sofrimento dela, se é que um pai quarentão é capaz de compreender uma adolescente de 15, ainda mais nos dias que correm. A distância se tornou enorme, quase intransponível. Ele era dos analógicos que se esforçavam para entender e entrar no mundo digital. Maria nasceu digital. Ela estava amuada, calada. Seus olhos espantados pareciam não querer ver, fugiam do foco. Disse que não queria mais ir à escola. Só depois que tudo passasse, se passasse. Ele argumentou que ela não ia à escola pelos colegas, mas para aprender. Ela explicou que até os professores estavam divididos. Um grupo já não falava direito com o outro. Alunos de um lado eram tratados com desprezo e antipatia pelos professores do outro. O professor de história não sabia mais o que ensinar. Alguns pais foram reclamar com a

diretora que ele estava falando de liberalismo, fascismo, nazismo e comunismo. Era doutrinação política de esquerda, disseram. A diretora, atemorizada, pediu que ele não falasse mais de ideologias. O professor precisava do emprego. Aceitou a censura. Mas não sabia o que fazer com o século XX. Maria não entendia porque não tinha a opção de evitar algo que se tornou insuportável. O colégio já não servia para mais nada. Não ensinava, não educava, não divertia. Eles a queriam enquadrar o tempo todo, por todos os lados. Afonso a havia ensinado que era proibido proibir.

Se minha filha sofre, eu sofro. Era previsível que ela tivesse problemas naquela escola cheia de regras e não podes. Maria não é assim. É franca e aberta. Antes não tinha esse constrangimento sofrido e fugidio no olhar. Mas Isaura não a poria em outra escola. Não deu para prever que a chegada repentina dos ódios tornaria o ambiente escolar tão inóspito. Ela deve sentir demais a repulsa dos colegas na escola. Essa gente é capaz de muita crueldade. É condicionada a fechar a mente. Enrijecer as convicções. Pessoas assim podem se tornar facilmente um grupo de tortura psicológica. Bullying não passa disso. Maria era o contrário. Tinha a mente aberta. Era capaz de autocrítica. Eu sei que circunstâncias dolorosas nos tornam mais capazes de viver e encarar as contradições e as angústias que nos fazem humanos. Espero que Maria já tenha a personalidade forte o suficiente para resistir e aprender. Ela tem feito as escolhas

certas nos limites da liberdade que vai desbravando. O problema é que, quanto mais avança, maior o conflito com a mãe, e mais deslocada ela fica com os colegas ensinados a reproduzir os pais.

Imaginou dizer isso a Isaura, mas desistiu. Seria pretexto para uma briga interminável, carregada de insultos. Afonso reagiu compreensivo ao desabafo da filha. Disse carinhosamente que a entendia. Não ir mais à escola, porém, era muito radical e não resolveria nada, ponderou. Quem sabe mudar para uma escola mais aberta, mais parecida com ela. Sugeriu que conversasse com a mãe sobre esta possibilidade. Ele conseguiria mudá-la para o Eleutheria, mesmo no meio do período. Não era justamente “liberdade de movimento” que ela queria? Maria quase riu. Para sua mãe, era uma escola de anarquistas. Reconheceu que a mãe sempre detestava as escolas que o pai sugeria. Tudo que é diferente do que ela pensa passou a ser anarquista ou comunista. Afonso disse que não custava tentar. Maria balançou a cabeça para os lados, com ceticismo e ironia. A mãe jamais cederia.

Não perdi a vontade de estudar. Gosto de estudar e de aprender. O colégio é que ficou insuportável. Virou outra coisa, não é mais um lugar para estudar e encontrar colegas. Não quero mais sair com os amigos de lá, ex-amigos, maus amigos. Até os que não me atacam não me interessam mais. Perdi a

confiança. Podem, de um dia para o outro, passar a dizer coisas horríveis sobre mim e mostrar de todas as maneiras possíveis o quanto me odeiam. Se é que não falam mal de mim pelas costas. Como minhas melhores amigas fizeram. É surreal, porque o lado deles ganhou, o meu perdeu. Mas, é estranho, eles parecem não curtir a vitória. Querem só ofender quem pensa diferente. Não acho certo mudar de opinião só para ficar bem no grupo. Foi o que minha mãe me aconselhou a fazer. Ela prefere o lado que me ataca. Faz parte dele. Sempre escolheu ficar bem com as amigas. Desde que entrou para a igreja, não pensa direito, tudo virou pecado, sei lá; separa todas as coisas entre o que é de Deus e o que não é. Faz coisas erradas e não parece achar que é pecado, tipo humilhar as pessoas mais pobres, ter nojo delas. Pelo menos ainda tenho a liberdade de ir e vir de uma casa para outra. Só assim consigo escapar da rigidez da minha mãe. Meu pai entende minha agonia.

São Paulo, Morumbi

Alguns dias depois, de volta à casa da mãe, Maria acordou ainda em descompasso com a vida. Um amaneher supostamente como todos os outros, menos para ela. Aquela manhã parecia condensar todas as inconformidades. Sentia-se dominada por inquietações e ideias pesadas. Na véspera, no colégio, ela e duas ex-melhores-amigas quase se estapearam. Foram tantas as ofensas e os empurrões que terminaram chamadas

pela diretora, que tomou claramente o lado das amigas. Indignada com a injustiça, Maria reagiu e acabou suspensa pelo resto da semana. Falaram absurdos dela e de Afonso. Pouparam sua mãe. Ela era fiel ao pensamento do grupo. Maria apenas defendeu o pai e a si mesma, e só ela foi punida. Não se lembra de quando a mãe se converteu, há dois ou três anos. Era uma dessas supernovas. Encontrou-se, ela diz. Foi acolhida com um grau de envolvimento e aceitação que nunca havia experimentado antes. Tornou-se uma ativista das causas da igreja. Participava assiduamente das discussões nos grupos de WhatsApp. Entregou-se tão profundamente àquele sentimento de fé e encontro que passou a desenvolver teses para levar às discussões. Via as rebeldias de Maria com desconforto crescente e muita irritação. Odiava o que chamava de influência comunista do pai sobre a filha. Forçava-a a ir à igreja para que mudasse, para encontrar Jesus. Maria não se adaptava àquele ambiente, àquela uniformidade de pensamentos, palavras e ações. Achava tudo muito entediante e exagerado. Não conseguia ver sinceridade no pastor. Ele falava mais das coisas do mundo do que de fé e remissão. Quando estudou a Reforma, percebeu que eles não faziam parte do protestantismo. Isaura e Afonso mal se falavam. Ao tentarem dialogar para resolver problemas comuns relativos à filha, desentendiam-se radicalmente. Discordavam em tudo. O casamento acabara muito antes, vítima

de suas diferenças intratáveis. Um erro sem conserto, no qual o afeto mal durou um ano. Prolongou-se por dois penosos anos por causa da doença e morte do general e do nascimento de Maria. Separaram-se quando a filha completou 3 anos. Isaura reagiu como Maria esperava, quando lhe disse que não suportava mais a escola, a raiva dos colegas, e iria mudar de colégio. Da pior maneira possível, tomando o lado dos outros. Perguntou se eles não estariam certos e ela errada. Maria reclamou que a mãe não entendia o seu sofrimento. Eles haviam passado a odiá-la e a ofendê-la; quando não a estavam agredindo, a ignoravam. A insistência da mãe só aumentava seu desespero diante de tanta incompreensão. A tolerância para com seus agressores provocou uma discussão mais séria. Isaura ficou exasperada com a suspensão da filha. A tormenta que Maria vinha apresentando chegou, enfim, numa explosão de insensatez.

— Ninguém odeia você. Você se dá com todo mundo. Anda é de cabeça virada.

— A Ana Cristina Dias me odeia. O Guilherme Ave-no me odeia. A Carol Bent me ignora.

— Claro que não, a Aninha e a Carol sempre foram suas melhores amigas. O Guilherme adora você. Por que não tenta entender o lado deles?

— Eu sei o que eles pensam. Só não concordo. Eles estão certos em me odiar, ofender e desprezar por isso?

Entendo o lado deles e discordo. Não entendo é o comportamento nojento deles.

Maria irritava-se com a mãe. Isaura exaltava-se com o que ouvia:

— Eles estão certos nas ideias. Podem exagerar nas reações...

— Certos? Você não ouve nada do que eu digo. Você é igual a eles! Faz parte deles! Eu acho que eles estão errados. Você está errada!

— Maria! Não seja intolerante e agressiva! Dê uma chance, ouça as razões deles. Seu pai sempre pensou errado, é comunista, filho de comunistas.

— Deixa o meu pai fora disso! Eu já ouvi as razões da sua igreja milhões de vezes e nunca concordei, nem vou concordar. Vocês não têm razão! Ponto! Não concordo. Não vou mudar, não vou trocar de lado. É a minha vida!

— Sua vida? Você é menor de idade. Vive como eu quiser que viva. Você passou a exagerar tudo. Precisa é se abrir para algumas das coisas que seus amigos dizem. São sensatas, são boas. Não fique presa ao que seu pai fala. Depois, isso tudo passa e ficam as amizades. Ainda tenho esperança de que você encontre Jesus. Tenho feito a minha parte.

— Está vendo? Você é autoritária e se repete porque não ouve ninguém. Para sua informação, penso com a minha cabeça, não com a do meu pai.

— Eu sei o quanto você aprova as ideias do seu pai, Maria.

— Só porque eu acho que ele pensa melhor do que você, isso não significa que eu não pense com a minha própria cabeça, que não tenha minhas próprias ideias.

— Bom, não adianta! Para encurtar: uma hora vocês se entendem e voltam a se gostar, pronto! Vai ficar no colégio e não vai faltar às aulas. E agora essa, suspensão por não saber se comportar! Pois vai ficar de castigo por tempo indeterminado!

— Eu sabia que você ia ficar do lado deles e dessa escola ridícula, que censura até aula de história! E não aceito castigo sem razão! Eu não fiz nada, só defendi minhas opiniões. Eu não quero mais estar com eles, nem eles comigo. É como você e o meu pai. Se odeiam e jamais se entenderão. Eu não quero mais conviver com aquelas pessoas do colégio. Quero me separar delas, para sempre. Como vocês fizeram.

— Maria...

— Sério, mãe. Vocês não se falam. Vocês se agridem. Vocês se odeiam.

— Claro que não nos odiamos. Odeio as ideias do seu pai e ele odeia as minhas, só isso. Mas não nos odiamos e temos você em comum. E isso não tem nada a ver com a escola. Amanhã você volta.

— Ah, mãe, sério? Vocês nunca se entenderam a meu respeito. Já decidi. Não volto.

- Vai perder o ano.
- Grande coisa! Sou capaz de aprender mais sozinha do que naquela merda de colégio.
- Vê lá como fala! Minha tolerância tem limite!
- Que tolerância, mãe? Que limite? Você é a pura intolerância! É uma fanática!
- Maria!
- Que foi?
- Você está precisando é de orientação espiritual, vai falar com o pastor ainda hoje!
- Qual é, mãe, você chama de orientação espiritual aquela lavagem cerebral? Aquela mistura de religião com política? Jesus era contra, sabia? O que vocês fazem lá é fanatismo puro!

Isaura lhe deu um tapa definitivo no rosto. Ela pegou a mochila, sem chorar, e correu para a porta.

- Não aguento mais esta casa e aquele colégio!
- E vai para uma daquelas escolas de anarquistas, não é? Virar uma inútil, uma feminista. Isso se não virar lésbica! Eu não vou deixar! Você é minha dependente.
- Não estou mais falando com você! Nossa vida é um inferno!
- Volta aqui, você está de castigo!
- Me larga! Não aceito castigo seu! Você não manda em mim!

Bateu a porta do apartamento com força. Desceu de escada, para não ter que esperar o elevador. A mãe

ficou gritando para que voltasse. Maria mandou uma mensagem para o WhatsApp do pai, dizendo que iria morar com ele, que não era mais capaz de viver com a mãe: “Você me entende, ela nunca me entendeu.” O tapa no rosto partiu ao meio o sentimento de Maria pela mãe. Uma divisão que vinha crescendo em seu íntimo, como uma suspeita que se confirma pouco a pouco. Isaura logo se arrependeria da agressão, mas não a tempo de evitar a fissura que se abriu entre as duas. Ela mesma demoraria a se dar conta da extensão do dano que havia provocado, mas o alcance e a gravidade de nossos gestos se definem pelo momento do outro. É a reação da pessoa a quem dirigimos nossos atos que dá o significado do que fazemos, jamais nossas intenções. Maria estava ferida, só, e precisava de carinho, aconchego, cumplicidade da mãe, que em vez disso lhe deu comandos discricionários e uma nova forma de agressão. Foi demais.

Os desencontros raramente são fortuitos. Eles nascem de circunstâncias concretas que isolam e extremam. Solitárias, as pessoas se reúnem em grupos fechados, em casulos de intolerância, e os rumos do afeto se perdem na aridez e na desconfiança do outro. Os sentimentos ficam intoxicados, as mágoas se multiplicam, o afeto se desfaz no descaimento das memórias, no esquecimento das alegrias, no entorpecimento da estima, no fim da empatia, no incêndio voluntário e repetido das pontes,

em portas batidas e trancadas. O outro é inimigo, e se o outro é meu extremo, eu sou o extremo do outro. Um define o outro pela negação. Tudo impede o retorno. O recomeço. Tudo parece fim.

São Paulo, Vila Madalena

Exagerei com a Maria. Mas, algumas vezes, vejo o pai por trás do que ela diz. Nós desenvolvemos uma verdadeira incompatibilidade de gênios, por culpa exclusiva dele. Afonso conseguiu envenenar a alma da minha filha. Uma tristeza. Faltou o contraponto que meu pai teria feito, impondo disciplina e falando dos valores permanentes que a família tem a obrigação de passar às novas gerações. Papai não chegou a ter uma relação com Maria. Morreu antes do seu aniversário de 2 anos. Logo depois, eu e Afonso nos separamos. Sei que errei. Não fui capaz de ensinar minha filha a me respeitar. Nem fui capaz de me conter. A bofetada foi instintiva, impensada, devia ter me desculpado, mas estava com tanta raiva, de Afonso, dela, da vida, que não me controlei. Agora, não tem mais jeito. Só o tempo pode fazê-la esquecer. Depois, é meu direito disciplinar a minha filha com o corretivo proporcional à gravidade da falta. Para que aprenda a lição. Agora, é melhor deixar que fique com o pai uns tempos. Dar corda para ele se enforcar. Vai transferi-la para um daqueles colégios horrorosos e entortar de vez a cabeça da menina. Quem